

O GESTO **fenomenológico**

Corpo, Afeto e Discurso na Clínica

*Produção científica do GT Psicologia & Fenomenologia da ANPEPP –
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia*

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa
Organizadoras



SOBRE O GESTO FENOMENOLÓGICO, EM FORMA DE PRÓLOGO

Irene Borges-Duarte
Universidade de Évora

A expressão «gesto fenomenológico» é de uso relativamente recente na Fenomenologia, não porque não tenha sido usado anteriormente, mas porque não foi tematizado de maneira sistemática na primeira fase da escola. É sobretudo a fenomenologia francesa e, muito especialmente, Merleau-Ponty, com a sua precoce atenção ao corpo vivo, que abre espaço para um enfoque filosófico da questão do gesto. Mesmo assim, só nos últimos decénios se acentua o interesse por uma análise mais aprofundada do seu significado e carácter central na abordagem do humano. A presente colectânea representa um esforço importante nesse sentido, reunindo os trabalhos de doze investigadores procedentes, sobretudo, do âmbito da Psicologia fenomenológica e existencial¹, que procuram aclarar o significado da expressão, recolher a reflexão feita no âmbito da filosofia fenomenológica e mostrar a sua fecundidade na compreensão clínica e do agir quotidiano. Respondem, desse modo, ao que é uma exigência da actualidade: encontrar o lugar da gestualidade na caracterização do sujeito humano, do ser-no-mundo uns com os outros e da realização fáctica da existência humana, de que a experiência clínica dá conta com especial acuidade.

1 A temática constituiu uma proposta ao Grupo de Trabalho Psicologias e Fenomenologia, vinculado à Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), no seio do qual teve lugar a discussão inicial, que agora vê a luz em forma de livro.

É sintomático desta relativa novidade do tema que boa parte dos autores desta coletânea se tenha sentido obrigado a começar pelo recurso ao dicionário ou, pelo menos, a deter-se numa clarificação etimológica do termo²: é, na verdade, preciso saber de que falamos, quando nos debruçamos sobre «o gesto». A referência ao movimento e ao corpo é a base comum de qualquer definição: o «gesto» é um movimento do corpo pelo qual se mostra o estar a ser ou postura num dado momento ou situação. Mas este *mostrar-se*, que constitui o índice fenomenológico fundamental, é igualmente indício de uma segunda acepção, daquela derivada, mas não menos transversal aos usos do termo: um gesto transmite uma mensagem a alguém, é um signo não verbal inerente à relação comunicativa³. «Gesto» remete, então, básica e simultaneamente, para duas coisas: corpo e linguagem. O gesto é a linguagem do corpo nos seus movimentos. No entanto, nem toda a linguagem do corpo é um gesto. Por exemplo, um tique nervoso não é um gesto, embora seja um movimento muscular. A sua repetição incontável e espasmódica é, porém, sinal e sintoma de algo: anuncia, talvez, uma tensão de algum tipo, uma ligação a algum acontecimento ou trauma, que é possível pesquisar. *Diz* algo. Mas, no seu automatismo, não *faz* algo. Por isso, na verdade, não pode ser qualificado como «gesto».

O termo português⁴ procede do latim *gestus*, que, sendo o particípio do verbo *gerere* (levar, portar, comportar-se), guarda

2 Vejam-se mais adiante as referências de: Boris; Dutra & Azevedo; Feijóo, Protasio & Sá; Frota; Maciel; Mahfoud; Melo.

3 Nesta antologia, o texto de Oliveira, Fadda, Bezerra & Cury é especialmente importante na defesa desta ideia.

4 A origem e amplitude de significado é comum às diferentes línguas latinas: em espanhol e italiano, *gesto*; em francês, *geste*. O inglês *gesture*, bem como o alemão *Geste* têm a mesma etimologia, embora com uma significação mais estrita.

relação com *gestare* (levar em si, gestar): o «gesto» leva o que foi *gestado*, isto é, *gerado*⁵. É um *feito* com uma origem intencional, mesmo se não voluntária ou consciente. *Res gestae* era a expressão latina, usada pelo Imperador Augusto para mencionar os seus actos e as suas obras. Foi amplamente repetida nos romances de cavalaria medievais, para narrar as façanhas de coragem de bravos cavaleiros, em luta contra hordas de atacantes ou forças do mal. Nesta dimensão histórica, o termo dava imagem a uma resposta comportamental de resistência e de combatividade e dos actos realizados pelo herói em defesa e salvaguarda de uma cultura e da sua posição no mundo. Revelava, pois, uma atitude e os feitos que dela tiveram origem. Mas, ao mesmo tempo, desse modo, comunicava aos humanos envolvidos o sentido dessa resposta, manifestando activamente como um acontecimento ou acção era percebido, acolhido ou rejeitado. “Com o gesto demudado” – pode ler-se em Alexandre Herculano, por exemplo, a propósito de manifestações de surpresa e de ferocidade, enquanto que, noutra contexto, fala de um “gesto formoso e varonil”⁶. O gesto, aqui, é o rosto – em

5 É interessante comprovar que, embora com outra proveniência, a palavra alemã *Gebärde* (gesto, em sentido amplo) guarda um paralelismo etimológico com *gebären* (parir, dar à luz), procedendo ambas de *bären* (em inglês, *bear*), que significa portar e suportar, levar em si. Heidegger reflete sobre isso numa passagem dos *Seminários de Zollikon*, para que não se deixa de chamar a atenção (v. Dutra & Azevedo) neste livro. Veja-se: Heidegger, M. (1987). *Zollikoner Seminare* (pp. 117-118). Frankfurt: Klostermann.

6 Vejam-se os romances históricos de Alexandre Herculano (1810-1877), *Eurico, o Presbítero* e *O Bobo*, ambos criados como reconstrução do ambiente medieval. Este uso do termo «gesto» perdura ainda no português de hoje, embora tenda a decair, estando registada esta importante acepção no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* editado pela Academia das Ciências de Lisboa em 2001, sob a responsabilidade de Malaca Casteleiro.

que Lévinas assentará a sua abordagem fenomenológica. Não é, pois, apenas o movimento do braço ou da mão que está directamente aludido na gestualidade. Também fazem parte dessa referência ao exercício vivo da corporalidade o olhar, o talvez ténue esboço de um sorriso ou o trejeito facial, que pode denotar cólera, desdém ou animosidade, mas também riso. Diz-se, por isso, em geral, que um gesto é «expressão corporal» de um estado psicológico ou da intenção de comunicar algo de forma não verbal.

Martin Heidegger, tão presente em vários textos deste livro, alertou especialmente para o carácter redutor que teria esta definição, por dar a entender tacitamente que há um dentro e um fora, um interior psíquico ou espiritual e um exterior carnal, por ele movido, conduzindo imperceptivelmente a considerações de tipo psico-somático, acerca da expressão corporal das vivências, dos afectos, das intenções e até do pensamento. Para ele, desde muito cedo na sua produção, é, pelo contrário, mais fecundo prescindir dessa distinção: “Não é de separar os actos «psíquicos» e os «corporais»! Ver, por exemplo, como eu mexo a minha mão ou como faço com ela um movimento é algo prático⁷.” Com estas palavras, em que Patrick Baur quer ver todo um programa fenomenológico *in nuce*⁸, Heidegger desvia a atenção do sujeito ôntico psicossomático, para dirigi-la ao acto comportamental pelo qual, na prática, agindo, o Dasein se faz «aí do ser», mundo em gestação e exercício. Quer isto dizer: o gesto é *práxis*, é uma forma de estar e ser-no-mundo agindo, ocupado entre as coisas e com elas, ao fazer pela vida

7 Heidegger, M. (2002). *Grundbegriffe der aristotelischen Philosophie*. (Gesamtausgabe 18, p. 199). Frankfurt: Klostermann, p.199. Trata-se de um curso proferido em Marburgo, em 1924.

8 Baur, P. (2013). *Phänomenologie der Gebärden. Leiblichkeit und Sprache bei Heidegger* (p. 19). Freiburg/Münche: Alber., p.19.

no dia-a-dia. Na prática quotidiana do cuidado, o *Dasein* é todo ele, em uníssono, um ente aberto e exposto no mundo em que acolhe o ser de tudo quanto vem ao seu encontro. Umhas coisas chegam-lhe de um modo, outras de outro. Mas todas, no seu viver natural e singelo, são aceites e tratadas como tal ou tal coisa, em idêntica unidade de acção. O gesto abre o mundo e faz dele o «aí» do ser, seja à maneira do *Dasein*, seja à maneira de tudo quanto não é *Dasein*, mas que esse gesto faz presente pragmaticamente, como algo útil «à-mão», ou teoreticamente, como objecto do olhar noético, que o converte em conceito. Na prática, mesmo sem querer e sem a mediação da palavra, o gesto da mão faz mundo. Derrida, num texto notável, foi um dos primeiros a registar em Heidegger esta proto-fenomenologia do gesto⁹.

Mas vejamos, com um exemplo bem simples, como se dá esta *práxis*, em que o ser do *Dasein* se mostra no seu todo. Um tenista que responde a uma jogada do adversário com um gesto vigoroso e ganha o ponto, não o faz só com aquele movimento concreto do braço e da mão, mas, nesse momento, com todo o seu ser. É ele (o tenista) que está em jogo, e não apenas o seu corpo, por um lado, e a sua intenção de jogar e de ganhar, por outro. O gesto não é expressão da intenção, nem a intenção a expressão de um sujeito psíquica e, talvez, civicamente comprometido com aquela prática desportiva, animicamente estimulante, além de salutar. Nesse momento, *em jogo, o gesto do jogador é o jogador em plenitude*, jogando o seu ser e, assim, fazendo mundo. Os jornalistas, que cobrem o evento desportivo em que ele participa e os espectadores que assistem ao mesmo poderão, no entanto, falar da especial agilidade ou eficácia daquele

9 Veja-se Derrida, J. (1987). “La main de Heidegger”. In J. Derrida, *Heidegger et la Question*. Paris: Galilée.

movimento singular e do jeito de mão, que tão bem resultou. Até mesmo o próprio jogador e o seu oponente, quando o jogo terminar, poderão referir esse momento como o de uma boa mão. Mas sabem que esse lance e essa mão não são só mão, nem a intenção de a mover foi independente do que ela, de facto, fez. *O gesto não expressa, faz: é um feito em que se espelha o mundo, no qual já de antes estamos e que, assim fazendo, continuamos a projectar no porvir.*

Um dos pensadores que mais claramente soube dizer isto, atribuindo ao gesto um lugar de relevo na fenomenologia, foi Vilém Flusser – o que, no presente volume não passou despercebido¹⁰. São vários os livros em que Flusser fala do gesto e, em particular, em que o caracteriza como «fenomenológico». No último dos livros que publicou, antes da sua morte prematura, chega mesmo a oferecer um “Esboço de uma Teoria geral dos gestos”¹¹. Em *O universo das imagens técnicas* expõe a história do mundo, como a sucessão de quatro «gestos fenomenológicos»¹²: o gesto primordial, que é o da manipulação (práxis); o segundo, do olhar (teoria); o terceiro, do dedo (cálculo); e o quarto, do aparelho (computação). São «fenomenológicos» porque fazem aparecer mundos (noético-noemáticos) intencionalmente visados: o tradicional (prático e teórico) e, hoje, o telemático, fruto do programa e do seu jogo. A referência gestual não é meramente metafórica, mas ontológica,

10 Veja-se Feijoo, Protasio & Sá.

11 A obra foi publicada originariamente em alemão (1991), mas também há uma edição em português, que não é tradução, mas reescrita pelo autor, com um conteúdo mais breve, mas não menos importante, incluindo uma introdução, sob o título “Esboço para uma introdução a uma Teoria Geral dos Gestos”. Veja-se esta versão brasileira: Flusser, V. (2014). *Gestos*. São Paulo: Anna Blume.

12 Flusser, V. (2008). *O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.

pressupondo a gestação de formas de vida humana, segundo padrões de criatividade determinados, socio-culturalmente e singularmente repetidas. Esta consideração do gesto como origem e configuração da existência revela-se também na concretude de alguns traços comportamentais do quotidiano, como o «gesto de fumar cachimbo», «de pesquisar», «de pintar», «de fotografar», «de fazer» ou «de escrever». Esta descrição implica, sem dúvida, a consideração de uma intencionalidade imanente à acção humana. É por isso que o gesto é *fenomenológico*: ele gesta (natural, pré-conscientemente) o aparecer do mundo, tal como o conhecemos e vivemos, de diversas maneiras. Há um fundo husserliano na visão da *res gestae* da humanidade, que caminha para o trans-humano e pós-histórico. Mas também poderíamos ver este trajecto como realização do cuidado no fazer pela vida, sobre um fundo heideggeriano, que Flusser não explicitou neste contexto, mas decerto tinha presente e bem vivo nas conversas com o amigo Vicente Ferreira da Silva e com sua mulher Dora, com quem vivava em São Paulo. Estas obras do último Flusser constituem, em qualquer caso, uma das mais poderosas afirmações da centralidade do gesto, filosoficamente tematizada no contexto de um projecto fenomenológico.

A constatação deste lugar fundamental na criação de mundo é, decerto, uma das mais poderosas razões para a pertinência da abordagem do gestual no seio do acompanhamento terapêutico, como tão veementemente fez notar Donald W. Winnicott, no contexto psicanalítico – o que também não passou despercebido na presente colectânea¹³. O *self*, na sua dimensão corporal, mais originária que as formações mentais defensivas, age criativamente mediante «gestos espontâneos», relacionais e dirigidos ao mundo. O perdurar dessa esponta-

13 Veja-se Frota.

neidade na idade adulta denota a via de sanidade e integração, que o terapeuta pode e deve explorar na prática clínica e estimular na actividade vital. Mas na análise de crianças, em que a linguagem verbal ainda não atingiu o seu máximo potencial, o gesto (manual, corporal, visual) é tudo, pois é dessa forma que se estabelece a comunicação e, sobretudo na brincadeira, se manifestam as vivências e os afectos do infante. Nesta fase de desenvolvimento, em que o dizer e o fazer se dão num mesmo acto, a riqueza do fenómeno «gesto» revela-se em plenitude. É também esta unidade do dizer e do fazer num jeito e estilo de agir que leva Bertold Brecht a chamar «gestus» a uma das chaves da sua concepção da representação cénica: é pelo «gestus» que a personagem aparece na sua característica própria, não apenas pela postura e gesticulação, mas também pela entoação, vocabulário, vestuário, dando imagem a uma atitude ou carácter, tanto individual como social. Embora marginalmente, também esta deriva de enfoque do tema não foi esquecida nas páginas que se seguem¹⁴. Na dança, enfim, em todos os seus contextos, desde a sua prática ritualizada, ligada ao religioso e ao mito, até à livre imaginação do corpo na dança contemporânea, passando pelas mais diversas formas de baile popular¹⁵, o gesto encontra o espaço da sua plenitude veritativa: não tanto pelo seu valor estético ou pela qualidade expressiva do corpo, na sua beleza e plasticidade, mas pelo des-encobrir-se aletheiológico da verdade do humano, no seu ser compreensão afectiva articulada não em palavra (como diria o Heidegger de *Ser e Tempo*), mas no movimento que é gesto. A alegria, a paixão, o mútuo desafio dos corpos, a relação – é o que aparece na dança, como uma unidade de acção e manifestação, que junta cineste-

14 Veja-se Oliveira, Fadda, Bezerra & Cury.

15 Veja-se Sousa & Moreira.

sicamente a terra e o mundo – de que Heidegger falava em “A origem da obra de arte” – na obra que não é senão a efectivação do aí-ser humano, em que tudo se manifesta e tem lugar. Poderia, talvez, ser esse «o gesto do mundo» sobre o qual, numa articulação mais ampla, se interroga um dos textos incluídos¹⁶ nesta colectânea?

Neste breve apontamento introdutório, explicitou-se, minimamente, o sentido da expressão que dá título a este livro: porquê falar agora de «gesto» e que sentido tem dizer que é «fenomenológico». Os textos que o integram dão conteúdo e riqueza ao que estas simples notas orientadoras de leitura e pesquisa apenas podem indicar. Em todos eles, faz-se sentir a presença viva do pensamento fenomenológico e de análise existencial, cujos principais representantes inspiram as doze abordagens: Husserl¹⁷, Heidegger¹⁸, Merleau-Ponty¹⁹, Sartre²⁰, Edith Stein²¹ e, em relação com estes, Kierkegaard²².

Angela Alles Bello em “A questão do «outro»: partindo de Edmund Husserl” começa por interrogar-se pela questão, aparentemente, de método, que se colocou entre Husserl e os seus heterodoxos seguidores: se a análise fenomenológica começa pelo eu ou pelo ser-com-os-outros. Num ensaio de fundamentação argumentativa, procura mostrar que o «outro» nasce

16 Veja-se Maciel.

17 Vejam-se Bello; Mahfoud; Oliveira, Fadda, Bezerra & Cury.

18 Vejam-se Dutra & Azevedo; Feijoo, Sá & Protásio; Frota.

19 Vejam-se Alvim; Melo; Sousa & Moreira.

20 Vejam-se Boris; Castro.

21 Veja-se Bello; Mahfoud.

22 Veja-se Feijoo, Sá & Protásio.

necessariamente da consciência de uma subjectividade, que o detecta, seja pelo «rosto» (como em Lévinas), seja por «empatia» (como em Edith Stein, “que é a única em compreender profundamente a validade” da via husserliana para compreender a questão), muito embora reconheça que “empiricamente” se parte, como quer Heidegger, do ser já com os outros. Sem tematizar explicitamente o lugar do gesto nesta pesquisa, este texto situa, contudo, o debate em torno a esta questão no âmbito da intersubjectividade e, portanto, na descoberta do outro como sujeito.

Miguel Mahfoud, tradutor do texto de Alles Bello, retoma o seu enfoque e dá-lhe continuidade, quer na atenção a Husserl, quer particularmente no uso fecundo que faz da abordagem da empatia por Edith Stein, muito embora centrando-se estritamente numa análise original do gesto e do seu significado na existência e na relação clínica. Neste percurso, sob o título eloquente de “Gesto fenomenológico diante do acontecimento da subjectividade”, o autor procura caracterizar o gesto do terapeuta na terapia enquanto “reconhecimento vivo da subjectividade transcendental”, que “possibilita a contemplação da verdade pessoal em sua dinâmica elaboração da experiência”. Desse modo, a acção do profissional, no contexto clínico, é vista não como uma intervenção mas como um livre consentimento de que, da dinâmica pessoal no encontro, surja o acontecimento do novo, à maneira desse *fiat* de que falava Stein, no acolhimento do “que não está no nosso poder”.

Ainda numa linha de compreensão husserliana, esta busca do sentido do gesto é abordado pelo grupo da PUC-Campinas, coordenado por Vera Engler Cury e constituído também por Andréia Oliveira, Gisella Fadda e Mharianni de Sousa Bezerra: “O Gesto Fenomenológico em Husserl: implicações para a pesquisa e a clínica psicológicas”. Exercendo a redução fenomenológica

lógica, centra-se no que se mostra tal como se mostra: “as vivências que constituem o gesto na sua estrutura”, antes de abordar, exemplarmente, o carácter linguístico e estético a ele ligado e as contribuições da própria clínica para o seu esclarecimento. Nesse sentido, trata o gesto como uma vivência intencional e comunicativa, que remete para uma subjectividade. Mas procura concretizar este movimento na análise do «gestus» criador de uma personagem (na teoria brechtiana do teatro) ou no “gesto de cuidado e reconhecimento do outro em sua dor” (num poema-canção de Caetano Veloso), para terminar, apoiando-se em Carl Rogers, com uma investigação do gesto terapêutico enquanto “modo de olhar que faz a outra pessoa dar-se conta que é alguém” e enquanto “acto que valida a presença do outro”.

Esta preocupação primordialmente clínica reaparece no texto de Ana Maria Feijoo, Roberto Novaes e Sá e Miriam Protasio, “Da Possibilidade Pré-Ontológica da Fenomenologia ao Sentido Fenomenológico de Gesto”. Trata-se de procurar responder à interrogação inicial de se é possível identificar na prática clínica fenomenológica e/ou hermenêutica um «gesto» que a caracterize diferencialmente em relação a outras abordagens. Socorrendo-se de Heidegger e de Kierkegaard, a proposta de leitura orienta-se para o reconhecimento do carácter pré-ontológico e, portanto, primordial do gesto no estabelecimento da relação, que na clínica se aprofunda e explicita hermeneuticamente, mediante o uso metódico da perspectiva fenomenológica nas suas possibilidades. Neste processo, o «corporar» – termo que traduz o *leiben des Leibs* heideggeriano – é inerente ao ser-no-mundo do Dasein, manifestando-se pre-ontologicamente em «gestos» tão simples como o «enrubescer» ou o «passar a mão pela testa», que muito antes de serem «expressão» de um sentido prévio, são *manifestação da relação constitutiva do ser-aí* no mundo e, nessa medida, da co-originariedade da

“compreensão afetivamente disposta e discursivamente estruturada”, mesmo se pré-verbal. Ou seja, coerentemente com esta leitura heideggeriana, “todo corporar da existência é comportamento, atitude, correspondência ao que afeta o existir, que, rigorosamente, nada é senão esse mero corresponder”. Por isso, todo o gesto, em sentido próprio, é tão «fenomenológico» como a palavra, enquanto estrutura articuladora da existência. Uma reflexão sobre o sentido kierkegaardiano da ironia contribui para completar esta análise, procurando mostrar que “acompanhar o fenômeno em seu próprio campo de mostraçãõ” é mostrar o seu espaço de possibilidade, e defendendo, deste modo, o estreito parentesco deste autor não tanto com a corrente, mas sim com a tarefa própria da fenomenologia.

O texto “Gesto fenomenológico e a clínica psicológica: Breves reflexões”, de Elza Dutra e Ana Karina Azevedo, tem com este último uma proximidade temática e de fundamentação teórica no pensamento de Heidegger. Procura responder à interrogação de como entender o lugar da tonalidade afectiva e do corporar na clínica, entendendo como «gesto» a confluência ou interpenetração de ambos. Nesta gestualidade do afecto radicaria o apontar na “direção para onde seguiria a nossa visada e o nosso acolhimento ao outro”, cabendo a possibilidade que o psicólogo, que no seu exercício profissional “não está apartado do modo de ser humano”, ao aceitar as possibilidades que se lhe abrem em relação, possa também “lançar-se no desconhecido, na experiência originária de ser-com-o-outro”, com o “não-saber” que lhe é inerente e a que só a escuta, ela própria como modo do corporar, pode corresponder. Esta poderia, então, “ser pensada como destinação do gesto fenomenológico no nosso modo de ser clínico”: o gesto de escutar.

Ana Maria Frota, em “O Gesto fenomenológico e suas derivações: Diálogos oportunos com a experiência e a infância”,

introduz o seu estudo com a metáfora do que chama uma «linguagem insegura», usando as palavras de Peter Handke, que lhe servem para pensar o gesto, muito especialmente na infância. Com originalidade, enfoca “o gesto fenomenológico como uma possibilidade do modo de ser-criança, de um tempo instaurado pela infância”, cairológico. E, para tal, estabelece diálogo com a fenomenologia heideggeriana, embora para explorar o papel e o lugar do brincar na intencionalidade gestual, à margem da dicotomia moderna sujeito-objecto e da tecnicidade da sua lógica. A sua proposta, então, é a de que “não se trata de entender o gesto; trata-se de experienciá-lo”, para seguir o fio condutor da infância, na sua alteridade, e na sua capacidade de inventar brincando. Desse modo, sem esquecer a contribuição de Winnicott nesta descoberta, é com Heidegger e com Agamben que procura fazer um «passo atrás», que recupere pelo gesto essa frescura do início, que é, ao mesmo tempo, inauguração e transgressão cairológicas do tempo humano, esse tempo que habita a infância e que o gesto terapêutico pode tentar abrir de novo.

Em diálogo com Merleau-Ponty, sobretudo com os seus textos da última época, Mônica Alvim em “Intercorporeidade, id da situação e diálogo clínico: O gesto fenomenológico como *pathos* e movimento expressivo”, procura articular a sua leitura do gesto enquanto “movimento expressivo”, emergente de uma “situação originária onde sujeito e mundo não estão diferenciados” e onde a intersubjectividade, como instituinte, permite adivinhar uma intercorporeidade, que se sobrepõe pre-reflexivamente à dimensão subjectiva e à sua consciência de objectos. Na relação terapêutica, esta perspectiva vem ao encontro da via da *Gestalt*, que, ao contrário da Psicanálise, não concebe o id como uma região intrapsíquica, mas como o impessoal, que está dado na situação, “de que o sujeito é parte, mas que não é determinada por ele”. É deste campo marcado pela impessoalidade e corporeidade da

situação que o gesto seria expressão pática, sendo a clínica um dialogar no sentir, no movimento e na expressão.

No ensaio de Camila Sousa e Virginia Moreira retoma-se a questão da intersubjectividade, na perspectiva pontyana: “A intersubjetividade do gesto como expressão da corporeidade em psicoterapia”. Partindo da afirmação de que “o corpo é o mediador tácito do nosso contato com o mundo”, compreende-se o gesto como uma construção intersubjetiva desse contato, na sua ambiguidade, enquanto expressão de significações vividas. Neste sentido, as autoras apresentam um estudo detalhado e cuidadoso da noção de “esquema corporal”, apresentada por Merleau-Ponty, num texto tardio (1953), como “abertura ao mundo pela motricidade”, a qual antecede a nossa percepção explícita do mundo, dando-lhe expressão pelo movimento e operando abaixo do nível da consciência. Esta abordagem é especialmente fecunda na psicoterapia fenomenológica de inspiração pontyana, que toma os “gestos como fonte primária de expressão e acesso ao horizonte de significados que emergem no contato ambíguo desta relação” e que, no fundo, toma a própria fala como “um gesto linguístico”, que pode, no seu todo, ser seguido no *setting* terapêutico de escuta, cuidado e acolhimento.

Ainda nesta perspectiva aberta pela fenomenologia francesa, está a contribuição de Anna Karyne Melo em “Cuidado em saúde como gesto sob o olhar da fenomenologia de Merleau-Ponty”. Partindo de uma contextualização bioética, que tem em consideração as reformas introduzidas recentemente no Brasil, no campo da saúde (SUS), em aplicação dos princípios de universalidade, equidade e integralidade, e almejando uma “humanização do cuidado”, superadora do modelo biomédico predominante, a autora propõe-se recorrer à concepção pós-cartesiana de Merleau-Ponty para ultrapassar a dicotomia sujeito-objecto e pensar o sujeito entrelaçado com o mundo.

Nesse sentido, toma do filósofo uma noção de cuidado como gesto, e propõe abandonar a noção de sujeito coletivo como centro da atenção, para colocar no seu lugar o mundo vivido. “Um lugar que é, ao mesmo tempo, não lugar, é apenas condição de possibilidade”, na sua inerente ambiguidade.

Partindo da constatação de ser a angústia uma experiência comum e incômoda na vida humana, e da profunda atenção que tanto Freud e Kierkegaard como Heidegger e Sartre lhe dedicaram, Georges Bloc Boris, propõe-se indagar que «gesto fenomenológico» se requer ante tal experiência existencial, na vida cotidiana e no contexto das psicoterapias de base fenomenológico-existencial. Sob o título de “O gesto fenomenológico diante da angústia: Elementos para uma psicoterapia existencial”, o autor inicia o seu trabalho com uma abordagem introdutória do que os mencionados pensadores defenderam a esse propósito, para se centrar especialmente na concepção sartreana da angústia como gesto de fuga à liberdade e, na medida em que esta é a mais pura condição humana, acto de má-fé. Na terapia, deve fazer-se um especial seguimento dos gestos de má-fé do paciente, porque neles se detecta o fracasso do seu projecto de vida, procurando “favorecer que o paciente se aproprie da existência que ele mesmo construiu a partir de suas próprias escolhas” e, assim, descubra novos gestos e formas de existir.

Fernando Gastal de Castro, em “Existencialismo, fenomenologia e clínica de situações: Apontamentos teóricos e metodológicos”, numa perspectiva que tem muitos pontos em comum com a anterior, monta o seu trabalho, ao mesmo tempo, como uma defesa da necessidade de “uma clínica de situações” e como denúncia da crescente ingerência dos critérios das ciências da gestão e da psiquiatria organicista na prática da Psicologia, que considera estarem nos antípodas daquela. Deste modo, enfrenta-se conscientemente o “desafio teórico e práti-

co de conceber e desenvolver uma clínica situada”. Para isso, procede a uma análise preparatória das noções sartreanas de (1) «subjectividade», no seu processo de singularização e transcendência, e no seu projecto de ser; e (2) de «situação», como “unidade das dimensões temporais e espaciais da existência”. Na parte final, trata de ressaltar os aspectos metodológicos que considera fundantes da anunciada via de uma «clínica de situações»: o princípio da existência concreta, enquanto objecto de estudo, e a função e “potencialidade da *descrição fenomenológica* em alcançar a experiência pré-reflexiva em situação”, sem esquecer a “importância da *perspectiva biográfica* como caminho compreensivo em relação ao *projeto*”. Neste quadro teórico-prático, o «gesto fenomenológico» marca a referência mais primária ou pré-teorética, orientadora do olhar, que pode traduzir-se como uma “postura de abertura à experiência apreendida como *subjectividade situada*”.

Deixamos para o final a referência ao texto de Josemar Campos Maciel, “O gesto do mundo: Um exercício espiritual”, porque a sua abordagem completa e, de alguma maneira, culmina o percurso deste livro. Saindo do âmbito da subjectividade, em que tende a ser compreendido pelo senso comum e pela filosofia, o autor procura mostrar o gesto fora deste âmbito, que o “mutila”, para o levar a “encontrar o ambiente”. À intrigante interrogação “o mundo é capaz de gesto?” segue-se uma investigação rica e imaginativa, que se demora nas derivas da chamada «ecologia profunda», dando protagonismo ao ambiente na reconfiguração das suas actuais demandas e identidade. O que pretende defender é, em palavras suas: “que o gesto é mais do que um avanço de conquista (*gestus*), que se pode configurar a partir de uma relação de cultivo (*gestatio*)” e que “assim, pode ser visto como o encontro entre mais que um agente de semiose e elaboração”.

No seu conjunto, os estudos que se reúnem nesta coletânea abrem um primeiro caminho, rico e instigante, para a consideração do gesto como vector fundamental da abordagem fenomenológico-existencial, quer da clínica quer da vida quotidiana.